

AS RELAÇÕES ASSIMÉTRICAS PRESENTES NOS CONTOS “A REVOLTA DOS BOVINOS”, DE AMADOU HAMPÂTÉ BÂ, E “O COELHO E OS CÃES SELVAGENS”, DE LOURENÇO DO ROSÁRIO¹

Alexander Meireles da Silva
Helenice Christina Lima Silva

Resumo: Compreende-se que a estética e a política constituem as sociedades e que um dos temas fundamentais das narrativas de todo lugar, que compõem parte das obras literárias, tem como base as relações opressor/oprimido e colonizador/colonizado. Apresenta-se para análise, neste artigo, os contos africanos “A revolta dos bovinos ou o dia que os bois quiseram beber leite”, do maliano Amadou Hampâté Bâ (1900-1991), e “O coelho e os cães selvagens”, do moçambicano Lourenço do Rosário (1989), os quais servirão de suporte para perceber essas relações. Ambos os autores, em diferentes tempos, trouxeram como resultado de suas coletas a publicação das coletâneas de contos africanos que contemplam, principalmente, os leitores e as leitoras infantojuvenis. Hampâté Bâ, em sua coletânea *Petit bodiel et autres contes de la savane* (1994), e Lourenço do Rosário, em *Contos africanos* (2017), difundem essas narrativas regadas de sátiras morais e sociais, levando-nos a reflexão sobre as relações humanas.

Palavras-chave: Contos africanos. Opressor/oprimido. Literaturas africanas. Amadou Hampâté Bâ. Lourenço do Rosário.

Abstract: It is understood that aesthetics and politics constitute societies and that one of the fundamental themes of the narratives, in this context, that makes up part of literary works, is based on the oppressor/oppressed and colonizer/colonized relationships. This article presents for analysis the African tales “A revolta dos bovinos ou o dia que os bois quiseram beber leite”, by the Malian Amadou Hampâté Bâ (1900-1991), and “O coelho e os cães selvagens”, by the Mozambican Lourenço do Rosário (1989), which will support us to understand these relationships. Both authors, at different times, brought as a result of their collections the publication of collections

1 Título em língua estrangeira: “The asymmetric relationships present in the tales ‘A revolta dos bovinos’, by Amadou Hampâté Bâ, and ‘O coelho e os cães selvagens’, by Lourenço do Rosário”

of African tales, which mainly include children and young readers. Hampâté Bâ, in his collection *Petit bodiel et autres contes de la savane* (1994), and Lourenço do Rosário, in *African tales* (2017), spread these narratives sprinkled with moral and social satire, leading us to reflect on human relationships.

Keywords: African tales. Oppressor/oppressed. African Literatures. Amadou Hampâté Bâ. Lourenço do Rosário.

O artigo, que ora se apresenta, traz aspectos relacionados às relações estéticas e políticas que compõem, nesse caso, as literaturas africanas, compreendendo a Literatura como uma “resposta esteticamente elaborada a estímulos e solicitações ético-artísticas formuladas pela sociedade, pela História e pela cultura contemporânea e anterior ao escritor” (REIS, 2001, p. 83). Tais aspectos podem ser encontrados na análise dos contos africanos intitulados “A revolta dos bovinos ou o dia que os bois quiseram beber leite” e “O coelho e os cães selvagens”, de Amadou Hampâté Bâ e Lourenço do Rosário, respectivamente, análise esta realizada a seguir. Para tanto, faz-se necessário trazer para conhecimento como ocorre, no enredo dessas narrativas, a relação entre opressor e oprimido que se configura nos personagens antropomorfizados no conto, e que nos demonstra suas posições na estrutura social dessas sociedades.

No intuito da compreensão de como se operam essas sociedades, para além do simples fato de comunicar com o auxílio de uma de suas matrizes, que é a oralidade, pode-

se perceber por meio dos contos recolhidos como são concebidos os vários componentes da realidade. As tradições orais são todos os dados e as realidades pertencentes às várias áreas da vida de uma sociedade, transmitidas por intermédio das palavras e das memórias dos seres humanos.

Esse legado oral ocorre de diferentes formas, nas quais a sociedade acompanha as novas mudanças que possam surgir. “Sociedades em que os mecanismos funcionais das várias esferas da vida são banhados por uma ‘oralidade’ sistemática e característica que como processo cultural não consiste simplesmente em ‘falar’ em vez de ‘escrever’” (DERIVE, 2012, p. 13, tradução nossa). Porque se trata, de fato, de uma organização social e cultural muito específica na qual a voz e a palavra, viva e atual, regem e geram as discussões e os comportamentos cotidianos, na qual as várias realidades da vida são concebidas. É um processo cultural por meio do qual os elementos de consciência e inteligência coletiva são formados e desenvolvidos e, mediante o qual, a educação e a transmissão de valores, conhecimentos e tradições são realizadas e concretizadas.

Amadou Hampâté Bâ, nesse processo de coleta das narrativas orais de seu grupo étnico, transcrição, tradução e publicação de sua coletânea de contos, realiza esse

procedimento de passagem do oral para o escrito como forma de desarticular os objetivos do colonizador na tentativa de desnaturalizá-los. Tal processo, realizado pelo autor, auxiliou os últimos integrantes africanos da geração que vivenciou a tradição a considerar o patrimônio da palavra de um povo de forma integrada aos aspectos da arte, da educação e da criação que construíram. Acerca da sustentação dessas sociedades, Rosário salienta:

[...] nas sociedades de tradição oral, a educação se associa à arte e o acto criativo está em função das preocupações da manutenção da prosperidade do grupo comunitário. Em suma, na oralidade, todos os actos, quer educativos, quer criativos, efetivam-se para preservação do grupo. (ROSÁRIO, 1989, p.43)

De acordo com Hampâté Bâ, em todo seu percurso de preservação dessas narrativas orais, consideradas por ele como patrimônio cultural africano, a presença do colonizador estava na tentativa de assegurar a aculturação de seu grupo étnico nas escolas europeias pelas quais passou. O autor evidencia que:

Um dos objetivos de toda colonização, sob qualquer céu e em qualquer época, sempre foi começar a decifrar o território conquistado, porque não se semeia a contento nem em terreno já plantado, nem em alqueive. É preciso primeiro arrancar do espírito, como

se fossem ervas daninhas, valores, costumes e culturas locais, para poder semear em seu lugar os valores, costumes e cultura do colonizador considerados superiores e os únicos válidos. (BÂ, 2003, p. 326-327)

Segundo o autor, do ponto de vista do colonizador, a imposição da língua teve um saldo positivo, uma vez que considera que o conhecimento do idioma facilitaria a comunicação entre as etnias que não falavam a mesma língua, uma forma de compensar a escolaridade europeia como um processo de subjugação.

Na opinião de Ki-Zerbo, também seria possível vislumbrar certo benefício com a aquisição desses conhecimentos ocidentais:

[...] é impensável e impossível rejeitar as línguas impostas pela colonização porque, objetivamente, elas foram integradas ao nosso patrimônio cultural, elas unem povos africanos entre si e com a comunidade internacional. As línguas fazem-nos ter acesso a filões fabulosos de cultura e história que são portas incontornáveis para entrar no mundo contemporâneo. Mas com as condições de sairmos da posição de colonizados e de que não nos obriguem a deixar nossas próprias línguas no vestiário ou no caixote de lixo do mundo moderno. (KI-ZERBO, 2009, p. 73)

Não há melhor instrumento de dominação em uma sociedade do que o processo de imposição de uma língua.

Tal aspecto era reconhecido por Ki-Zerbo e por Hampâté Bâ, desde que todo e qualquer tipo de conhecimento mantivesse a liberdade e a valorização da própria cultura. A preparação desses africanos europeizados assumia patamares bem mais amplos no interior da África Ocidental Francesa. O que o colonizador não conseguiu prever foi o benefício que sua principal arma de controle traria aos nativos: a formação das elites intelectuais que, mais tarde, trariam a libertação e a independência de seus países.

Além da independência dos países africanos, a intelectualidade africana traria em sua produção, conforme aponta Bonnici, “as literaturas oriundas das ex-colônias europeias, sejam elas portuguesas, espanholas, inglesas ou francesas”, que de fato “surgiram da experiência da colonização e reivindicaram-se perante a tensão com o poder colonial e diante das diferenças com os pressupostos do centro imperial” (BONNICI, 2009, p. 232).

Na luta incessante de trazer essas narrativas orais que passaram de boca a ouvido, do oral ao escrito, para o conhecimento dos leitores e das leitoras ocidentais, Hampâté Bâ publica os contos coletados por ele, de autoria coletiva, pois essas narrativas percorreram grande parte da África Ocidental, mais especificamente na região do Mali.

Os contos recolhidos estão inseridos na coletânea *Petit Bodiel e autres contes de la savane* (1994), publicados postumamente. No prefácio da coletânea, Hampâté Bâ salienta para quem são destinados os contos:

Conto, conta, a contar... É você verdadeiro?

Para as crianças brincando no luar meu conto é uma história fantástica.

Para as fiandeiras de algodão durante as longas noites da estação fria, meu conto é um passatempo delicioso.

Para os queixos peludos e calcanhares ásperos é uma verdadeira revelação. Eu sou ao mesmo tempo fútil, útil e instrutivo... (BÂ, 1999, p. 5, tradução nossa)

Os contos, conforme o autor, contemplam todos os leitores e todas as leitoras, além de despertar em cada um deles uma forma de compreender e sentir as vivências do cotidiano em sociedade. Refletem, de certa maneira, o ensino tradicional africano, que nunca ocorre de maneira sistemática, sempre associados a circunstâncias da vida. De acordo com Hampâté Bâ, qualquer elemento, natural ou não, que surgir em uma caminhada pode originar um ensinamento prático, científico, de cunho moral, social ou mesmo ético. A linguagem simbólica pode ser decifrada e demonstrar, em detalhes aparentemente insignificantes, uma gama de significados sociais.

Com proposta semelhante à de Hampâté Bâ quanto a coleta dos contos africanos e sua publicação, temos Lourenço do Rosário. O moçambicano, com base em sua coleta realizada na região do Vale do Zambeze, publica os contos inicialmente em *A narrativa africana de expressão oral* (1989), estudo realizado pelo escritor sobre a literatura africana. Posteriormente, em 2001 e 2017, os contos foram publicados em coletânea intitulada *Contos africanos*.

Nesse entremeio, a convite de Fernando Vale, publica *Histórias portuguesas e moçambicanas para crianças* (2005). A coletânea contém, além de uma seleção de histórias portuguesas, uma seleção de contos africanos coletados por Lourenço do Rosário. Segundo Lourenço do Rosário,

o meu contacto com o público mais novo de Portugal através dos contos do meu país, mais especificamente originários da riquíssima região do vale do Zambeze, não é novo. Já no início da década de 90, nos programas do 2º Ciclo do Ensino Básico na disciplina de Português, se introduziu como texto de leitura obrigatória, um conto africano extraído do livro por mim publicado nessa época, *A narrativa africana*. (ROSÁRIO, 2005, p. 67)

Para a satisfação do autor os contos africanos foram publicados posteriormente, abarcando leitores infantojuvenis. Em concordância,

[...] cada elemento da sociedade acede ao conhecimento também através dos ensinamentos contidos nas narrativas, e a distribuição das tarefas representada [nos ensinamentos] permite que as crianças, os jovens e os adultos se reconheçam membros dessa sociedade e reconheçam o papel que cada um pode vir a desempenhar; mas o conto é igualmente um espaço de diversão, funcionando como catalizador de momentos eufóricos ou disfóricos da própria sociedade. (ROSÁRIO, 2005, p. 67)

Assim, temos as narrativas como excelentes iniciadoras dos sujeitos na tarefa, que também comporta a literatura infantojuvenil, de iniciar os leitores no universo da leitura, despertando neles maneiras de lidar com o mundo, como destacou Rosário, bem como na formação de novos leitores.

Relações assimétricas nos contos africanos

No conto “A revolta dos bovinos ou o dia que os bois quiseram beber leite”, da coletânea *Petit Bodiel et autres contes de la savane* (1994), Hampâté Bâ inicia a narrativa explicando de qual grupo étnico ela pertence e já adianta que os acontecimentos ocorrem em certas situações africanas. A justificativa do autor é comum nos contos que ele apresenta e aparecem tanto no início do relato como no final, conforme Estevam postula: “cada obra de cada autor traz até certo ponto a marca de seu tempo” (2011, p. 18).

Após o prelúdio, inicia-se a narrativa ambientando o leitor com a explicação de que os fatos que se seguem ocorreram em tempos determinados nos quais homem e animais falavam a mesma linguagem, algo comum nos contos africanos em que “os animais são personagens alegóricos e seus costumes e comportamentos são os dos homens a quem a moral dessas histórias é direcionada” (N’DA K, 1984, p. 33, tradução nossa). Acerca da descrição do espaço, como bem salienta N’DA K, “a narrativa pode ser contada em qualquer lugar; não há lugares impostos ou apropriados” (1984, p. 27, tradução nossa), sendo nos informado que o conto se passa em um país coberto por espessos arbustos e extensos prados, atravessado por rios generosos e colinas com vários declives.

O ambiente era surpreendente, povoado por bovinos e administrado por um rei que dirigia os assuntos do Estado. Embora fosse um animal, como os bovinos, não pertencia à mesma espécie. Não era um ruminante e se diferenciava pelo seu pescoço menos longo e a cabeça grande. Esse ser de outra espécie era um homem que amava a Deus mais do que tudo, gostava de conhecer as coisas ao seu redor e também de ser obedecido. Contudo, nunca se soube como os bovinos fizeram do homem o chefe.

Toda manhã, o rei conduzia seus bovinos para trabalhar no pasto, sempre sob os seus olhos. Aparentemente conformados com a vida que levavam, observavam que o leite pingava abundantemente nas caixas de cabaça do Estado. De um lado, o trabalho árduo dos bovinos e de outro, o rei engordando com o consumo do leite. Observado pelos seus trabalhadores, um dentre eles considerou aquele espetáculo como injustiça e convocou uma assembleia. Nela, questionou com seus companheiros o porquê de o rei ser o único a se alimentar de leite e eles se contentarem em pastar nos prados. Por conseguinte, propôs que fossem alimentados de leite, senão fariam uma revolta no pasto.

No dia seguinte, a multidão bovina, gritando, caminhou rumo à moradia do rei. Este perguntou sobre o motivo da manifestação e o touro, representante dos demais, respondeu que queriam lhe fazer uma reivindicação, e disse:

É, bom rei! Estamos fartos de viver no pasto. Nós queríamos como você, viver de leite. Forneça-nos esse alimento ou não será mais nosso chefe. [...] Pare de nos considerar como animais sem inteligência, que não sabem mais do que ruminar e não raciocinar. Nós queremos leite, e nada mais do que leite, pois ele é um alimento completo. [...] Nós descobrimos a eficácia do leite. Portanto, não faz sentido que você nos mantenha em regime herbívoro enquanto você se alimenta desta bebida divina! (BÃ, 1999, p. 118-119, tradução nossa)

Após as reivindicações, o rei atendeu ao pedido dos bovinos, mas alertou que não mais os conduziria ao pasto, os bois ficariam no gramado e seriam alimentados do leite. Plenamente satisfeitos, os bovinos passaram a observar os movimentos do chefe.

Assim que amanhecia, o rei colocava em uma espessa tigela o leite que era ordenhado da primeira vaca. Dividia o leite obtido em quatro partes: a primeira parte guardava para ele e para prover os encargos do Estado, a segunda e a terceira parte dava para a vaca beber e servir ao seu bezerro. A quarta parte entregava para o resto do rebanho. Dessa forma, no fim das contas, os touros não tinham quase nada para beber. No segundo dia, o rei procedera da mesma maneira. Já no terceiro dia, o gado estava à míngua.

Mediante tais circunstâncias, os touros perceberam que a quantidade de leite só diminuía e que eles estavam perecendo. Diante dessa situação, o rei ironicamente interveio dizendo cumprir a solicitação feita por eles. Depois de refletirem, os bovinos pediram permissão ao chefe para retornarem aos pastos.

Ao final da narrativa, com um tom de aconselhamento, o autor, ao narrar, remete a um conselho, sendo que este “tecido na substância viva da existência, tem um nome:

sabedoria” (BENJAMIN, 1994, p. 200). Essa sabedoria se confirma a partir da frase: “se os súditos querem que o rei seja justo, eles devem saber o que lhe pedir, pois no final das contas, são deles mesmos que o rei retira o que exigiram” (BÂ, 1999, p. 121, tradução nossa).

No finaldo conto, bem como em todas as vivências dos personagens e na relação entre o rei (homem) e os bovinos, vemos instaurada a revolta, como intitula o conto, a “luta para superar contradições que se igualam, porque todas são derivadas dos mesmos problemas, endereçados na luta do oprimido contra o opressor e vice-versa” (CARDOSO, 2018, p. 17).

Essa luta, apresentada no conto, fica perceptível desde o momento em que são apresentados os personagens e as suas condições na narrativa. Observa-se, em posições assimétricas, o homem (chefe) e os bovinos (subordinados) em uma exploração vertical do mais forte pelo mais fraco, do mais poderoso pelo menos poderoso. De acordo com Derive, as personagens ocupam diferentes funções sociais nos contos e são categorizadas conforme a “percepção que elas têm de sua posição na estrutura social” (2015, p. 47). Nas sociedades africanas, bem como nas sociedades em geral, “a política é retratada a partir da estrutura de determinada

comunidade ou grupo social” (ESTEVA, 2011, p. 39). No conto, percebemos que a comunidade dos bovinos se junta para obter voz e lutar por seus anseios e sonhos, que no caso seria o desejo de comer o mesmo alimento de seu superior.

Outro fator relevante na literatura nos tempos atuais é a dimensão estética que abarca esse conjunto de obras. Destaco aqui as narrativas orais coletadas, as quais são objeto dessa análise, lembrando que os sentimentos que engendram os acontecimentos, bem como o clímax do relato, estão no pedido concedido pelo rei, de oferecer aos seus empregados o leite também por ele consumido, mas que, com o passar dos dias, a quantidade que lhes foi ofertada não era suficiente. Enfim, o pedido foi boicotado pelo rei e os seus subordinados tiveram de retomar suas funções servis.

Esteva afirma que

[...] as emoções evocadas pela estética infundida numa obra pelo autor são poderosas, e podem encontrar eco em leitores de diferentes nacionalidades e de diferentes épocas, o que confere à literatura uma riqueza espiritual que deve ser desfrutada por toda a humanidade. (2011, p. 18)

Tais emoções provocadas podem configurar, nos leitores e nas leitoras, os sentimentos mais intrínsecos. No desfecho do conto, podemos elencar alguns desses sentimentos, na

observância da situação final de cada personagem, no rei (homem) temos soberba, arrogância e esperteza; já nos bovinos, humildade, submissão e derrota.

No conto “O coelho e os cães selvagens”, coletado por Lourenço do Rosário, conseguimos perceber essa relação entre o opressor e o oprimido. O conto inicia demonstrando as astúcias de um coelho. Na região do Vale do Zambeze, a figura do coelho nas narrativas, desempenhando o papel de herói, é muito frequente. Inicialmente, temos o espaço onde acontece o evento introdutório, o coelho está em cima de um arbusto, brincando à beira de um rio, de repente, desprende-se do arbusto, sendo lançado para o outro lado da margem. Percebendo que no arbusto havia uma armadilha para capturar porquinhos da Índia, acreditou ser possível utilizar do mesmo recurso para atravessar o rio. Com isso, preparou seu próprio arbusto vergando-o e endireitando-o para a outra margem, reforçando seu objetivo de travessia.

Rosário, ao retratar sobre a presença do coelho esperto nas narrativas, destaca que o “imaginário das comunidades sempre criou situações em que os pequeninos podem, através da inteligência, da agilidade e da argúcia, suplantar antagonistas poderosos” (1989, p. 110). No caso do conto, temos a sagacidade do coelho demonstrada na provocação feita aos outros animais, como objetivo de executar seu stratagema.

Nesse intuito, o coelho observa à distância a conversa entre os amigos macaco e javali. O coelho aguarda o distanciamento do javali para lançar o seguinte questionamento para o macaco: “— Olha amigo, não vêes que o javali está a rir de ti? Ele disse-me que tu não passavas de um escravo seu e que só o tolera porque lhe fazes macaquices para divertir a sua família” (ROSÁRIO, 2017, p. 27). A ideia de subjugação do macaco em relação ao javali, exposta pelo coelho, faz com que o macaco fique furioso e busque pedir satisfação ao javali, na presença do coelho. Este foge e desprende-se do arbusto.

A vingança foi lançada entre os amigos. Contudo, o javali foi ter com os cães selvagens que também estavam à espreita do coelho e se prontificaram a persegui-lo. E, ao perceber que seria possivelmente capturado pelos animais, o coelho desprende do arbusto e cai no rio, porém não contava que os cães sabiam nadar. Após visualizá-lo, os cães pularam no rio e começaram a puxar partes do corpo do coelho, que na tentativa de ludibriar os cães, dizia que o que eles agarravam eram raízes, o que na verdade era a pata do coelho. Quando de fato um cão agarra uma raiz, o coelho grita e diz que o cão está puxando onde está ferido. Ele puxa com tanta força que a raiz se desprende e ele cai no chão. Com isso, decidem montar guarda e não deixar o coelho sair, submetendo-o a fome.

Com sua esperteza, o coelho provoca o cão que montava guarda dizendo: “— Ó chefe, sabe que quando caíste, o javali achou muita graça e está a rir-se de ti?” (ROSÁRIO, 2017, p. 108). Em resposta ao coelho o cão responde: “— Antes de tu nasceres eu já era grande, miúdos como tu não me levam” (ROSÁRIO, 2017, p. 108). Contudo, o coelho insistentemente pede que um dos cães vá a casa do javali para ver se seus familiares estariam a rir de sua queda.

Desconfiado, o cão envia um dos cães selvagens à casa do javali e o encontra a jantar com sua esposa e filho. Sem adentrar na povoação, de longe, vê os javalis com os dentes de fora e se convence que estavam todos a rir e logo comunica o caso ao chefe. Consumido pela suposta ingratidão do javali, levanta o cerco ao coelho e começa a perseguição ao javali.

No conto, notamos as artimanhas de um coelho que alega, inicialmente, a submissão de um javali, em relação ao seu amigo macaco, para atingir seus objetivos. Tal atitude reverbera em um quarto personagem, o cão, que, farto das peripécias do coelho, se junta ao javali para capturá-lo. O cão, a partir de uma visão equivocada de um de seus subalternos, faz da vítima, o javali, o seu algoz. As circunstâncias que levam ao desfecho da narrativa enfatizam a ingratidão. Segundo Rosário, “eles não são mais do que

personagens codificadas que encarnam simbolicamente valores humanos da própria comunidade” (1989, p. 110).

As relações assimétricas presentes nos contos africanos determinam como essas sociedades se mantêm e como se relacionam entre si, no que tange às relações de comportamento perante as situações cotidianas em cada grupo étnico.

Ambos os contos se aproximam no sentido de trazer para nós coletâneas que atendam aos leitores africanos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), bem como aos leitores africanos de língua francesa, enfim aos leitores ocidentais, que desconhecem o *modus vivendi* desses grupos em relação a questões tão peculiares dessas sociedades. Contemplar as literaturas infantojuvenis, mais especificamente dos países africanos, tem como perspectiva o conhecimento de grupos étnicos tão distintos, porém com aspectos e vivências cotidianas tão comuns.

No que tange as narrativas apresentadas, no contexto dos estudos literários, temos a Literatura Comparada como uma modalidade que pode colaborar para a história das formas literárias, situando os fenômenos literários de maneira histórica e crítica. No que diz respeito às questões tão relevantes dos comparatistas, Carvalhal salienta que:

[...] o estudo comparado de literatura deixa de resumir-se em paralelismos binários movidos somente por “um ar de parecença” entre os elementos, mas compara com a finalidade de interpretar questões mais gerais das quais as obras ou os procedimentos literários são manifestações concretas. Daí a necessidade de articular a investigação comparativista como social, o político, o cultural, em suma com a História num sentido abrangente. (2006, p. 56)

Nesse sentido, quando abordamos sobre a Literatura Comparada, como bem salienta a autora, por meio da investigação comparatista, temos que estabelecer essa relação tríade. No que se refere às literaturas africanas e a essa investigação comparatista, têm-se a preocupação não só com esse tríptico aspecto, mas também ao espaço dado a essas literaturas nos estudos comparados. Já em 1973, em sua publicação original, Ulrich Weisstein destacava que:

A literatura dos países africanos em desenvolvimento, muitas vezes estruturada em idiomas do Ocidente, deve ser levada em conta pelo estudioso de literatura comparada. Aqui, mais uma vez, surge a questão da possibilidade de se considerar uma visão de mundo em particular ou uma característica local específica como produtora de traços literários nacionais. (WEISSTEIN, 1994, p. 318)

Sendo assim, quando pesquisadores e estudiosos se propõem a embarcar no conhecimento do universo das

literaturas africanas, por meio das narrativas, já passa de imediato a relacionar suas produções literárias com o Ocidente e com o idioma do colonizador. Esse vínculo, reforça uma visão reducionista e precária dessas literaturas demonstradas por uma pretensa dependência dos países ocidentais.

Por esse viés, Padilha, em *Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX* (2011), confirma que a produção angolana, mesmo após a independência, permanece na “luta contra as armadilhas do discurso do colonizador que se caracteriza por ser um discurso de achatamento e, quase sempre, de uma profunda intransigência cultural” (p. 19). A autora reforça que até a segunda metade do século XX havia uma dependência em relação ao discurso estético do colonizador aos valores de origem, segundo ela:

Sempre colocados nas periferias por aquele mesmo colonizador para quem as práticas autóctones significavam uma não cultura. Isso se explica pelo fato de que, na visão reificada que da cultura tinha o colonizador, ter cultura era ter acesso a uma série de bens materiais e simbólicos pelos quais essa cultura se manifestava. Tal postura equivocada fazia com que o dominador marcasse por um sinal de falta, de vazio, ou seja, por um sinal menos, as práticas culturais do outro, situação que ele procurava reverter com sua “missão civilizadora”. (PADILHA, 2011, p. 19)

Essa visão perante às produções literárias africanas, após esse período, tenderam para uma produção nacional retomando a identidade dessas narrativas em um movimento de descolonização, na busca de alteridade.

As literaturas africanas de língua portuguesa e francesa vêm galgando duramente seu percurso de acessibilidade e ampliação de suas produções. Contudo, tem-se feito necessário consolidar ainda mais seu processo de legitimação e reconhecimento. Para Rosário, “o processo de singularização das nossas literaturas se tornou irreversível à medida que cada um dos países consolida seu próprio universo socio cultural” (2010, p. 163).

O estudo dos contos africanos coletados de Hampâté Bâ e Lourenço do Rosário surgem como proposta de reforçar o campo literário africano e as suas produções. Mesmo Hampâté Bâ tendo vivido e produzido suas obras no período colonial, o autor deixa clara a necessidade de escrever sob sua ótica, do maliano consciente, de seu compromisso com seu grupo étnico. Da mesma maneira, Lourenço do Rosário, ao se propor à coleta das narrativas do Vale do Zambeze, engendrou-se, como diz o próprio escritor, “em rio caudaloso, tão arriscado como sedutor” (1989). Segundo ele, arriscado em relação à delimitação dos territórios oral e escrito e

a tradução para sistemas linguísticos bem diferentes do original, e sedutor no sentido de promover o conhecimento do imaginário africano, bem como o alargamento das fronteiras teóricas da literatura e da cultura.

Alguns autores ocidentais ponderam a respeito da acessibilidade dessas obras, indicando que:

A aparente facilidade de acesso a essas obras, para quem domine corretamente o francês, o inglês ou o português, não deve dissimular uma certa opacidade – no fundo, visível – resultante, ao mesmo tempo, do seu enraizamento numa cultura estrangeira e da sua problemática estritamente dependente das condições de emergência no seio de uma situação colonial. Por outras palavras, a inteligibilidade dos textos do domínio africano passa, a maior parte das vezes, por um bom conhecimento antropológico, linguístico, histórico e até político do contexto de emissão da obra [...]. (CHEVRIER, 1983, p. 379, tradução nossa)

Para Chevrier, os textos africanos produzidos ainda perpassam por seu enraizamento na cultura europeia, nesse caso, nas literaturas portuguesa e francesa, mas vale rever que essa situação não exclui a possibilidade de uma escrita com autonomia.

Outro estudioso acredita na possibilidade da inteligibilidade dessas literaturas, ou seja, na compreensão delas:

[...] pelo conhecimento da estética africana que poderemos encontrar na oratura. É, por isso, importante que se conheça a oratura, para se dominar melhor a literatura. As relações estéticas entre esta e aquela estão presentes nos textos literários africanos modernos, cuja descodificação não pode, portanto, dispensar o estudo de tais relações. (TRIGO, 1986, p. 8)

A compreensão da estética africana corrobora para os estudos das literaturas africanas, acreditando-se na oralidade como sua fonte, e em sua relação com a literatura. Portanto, não podemos limitá-la a uma produção homogeneizante baseada tão somente em questões ocidentais.

Para Davi N’Goran (2009), as literaturas africanas da contemporaneidade, após os processos de degradação dos regimes, das crises e das rupturas dos países africanos, a partir de 1960, tenderam para um novo rumo, comum a produção literária mais autônoma. E, mesmo diante dos embates, foi possível identificar a heterogeneidade tão almejada na base dessas literaturas.

Quando abordamos as Literaturas africanas, devemos refletir diante de dois eixos, segundo Chevrier (2004), de modo que o primeiro gira em torno do papel da oralidade no processo de origem dessa literatura; e o outro, da abordagem diversificada e estimulante da oralidade poética.

A oralidade nas sociedades africanas se torna elemento primordial na sustentação e manutenção dessas sociedades. E, quando falamos de tradição, isso se torna mais latente. Chevrier afirma:

No primeiro ponto, é claro, de qualquer literatura escrita – eu utilizo um pleonasma – procede de um momento a outro de sua história, da tradição oral transmitida de boca a ouvido. *A Odisseia, A Ilíada, a Bíblia, o Alcorão*, para se ater apenas a esses grandes textos fundadores, primeiro colecionaram conjuntos de parábolas e histórias orais antes de se tornarem livros. A Europa Medieval não foi exceção a esse fenômeno, assim como na Era Clássica, quando se quer lembrar, os famosos contos de Perrault são originários de um *corpus* de “contos de fadas” e grande parte da literatura tem sua origem na tradição popular. (CHEVRIER, 2004, p. 1, tradução nossa)

Era, portanto, assim previsível, em torno dos estudiosos e escritores africanos, a partir dos anos 1840 e 1850, a preocupação em produzir os primeiros textos daqueles que seriam os pioneiros da Literatura Africana emergente, como Leopold Sedar Senghor, Birago Diop, Bernard Dadié, dentre outros que reivindicaram, por meio de suas produções, o legado oral de um continente por muito tempo marginalizado, e reconheceram sua dívida para com os contadores de história e *griots* que os inspiraram.

Reconhecer tais processos corroboram para o conhecimento dessas produções literárias por meios das coletâneas de autores africanos, além de promover um maior alcance de leitores e leitoras iniciantes nas literaturas africanas infantojuvenis, auxiliando-os na compreensão do universo africano.

Considerações finais

Na coletânea de Lourenço do Rosário e de Amadou Hampâté Bâ encontra-se um verdadeiro mecanismo de transformação e mutação que busca inventar uma nova forma de vida que permita, ao texto oral, continuar sua aventura e sua transcendência dos limites estabelecidos pelas várias esferas das realidades sociais, culturais e literárias. O conto é, no seu nascimento e na sua evolução, um dos gêneros narrativos mais representativos dessa viagem e dessa aventura. O conto “A revolta dos bovinos ou o dia que os bois quiseram beber leite” e “O coelho e os cães selvagens”, dentre os contos publicados por Amadou Hampâté Bâ e Lourenço do Rosário, têm o mérito de compreender e conservar, na sua operacionalização, as especificidades e os elementos que remetem ao seu pertencimento originário. Isso se dá a partir da implementação de um conjunto de procedimentos literários bem definidos, nos quais a estética

e a política, presentes nessas narrativas, retratam seu grupo étnico e social e as relações colonizador/colonizado, opressor/oprimido que estão presentes nessas sociedades. A dimensão estética que contempla as narrativas emana da natureza humana associada à cultura de seu grupo social.

Trazer esses contos para o conhecimento de leitores e leitoras das literaturas infantojuvenis vem articular, de modo distinto, temas tão presentes nas narrativas africanas que são relações assimétricas. A capacidade humanizadora da linguagem literária vem contribuir para o conhecimento de vivências e experiências tão plurais nas sociedades africanas.

Enfim, as literaturas africanas produzidas — nesses países ou transpostas para a escrita — veem nos estudiosos e escritores africanos o compromisso de colocar à disposição narrativas africanas que contemplem, principalmente, o público infantojuvenil, a fim de engrossar a divulgação e publicação dessa produção literária. Com produções, que conforme Rosário, apresentam “valor estético das obras que vão sendo publicadas” com temáticas em que “a busca do universal passa pelo resgate do nosso patrimônio cultural e do nosso próprio imaginário” (2010, p. 137).

Esse empreendimento e compromisso, generosamente liderado e habilmente realizado por Hampâté Bâ e Lourenço

do Rosário, cada um em seu tempo, refletem personalidades únicas, bem como o engajamento no processo de preservação e legitimação dessas narrativas orais.

Referências

- BÂ, Amadou Hampâté. *Petit Bodié et autres contes de la savane*. Paris: Pocket, 1994.
- BÂ, Amadou Hampâté. *Il n'y pas de petite querelle*. Nouveaux contes de la savane. Paris: Éditions Stock, 1999.
- BÂ, Amadou Hampâté. *Amkoullé, o menino fula*. São Paulo: Palas Athena: Casa dasÁfricas, 2003.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense. p. 114-119, 1994.
- BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. Maringá: Eduem, p. 223-239, 2009.
- CARDOSO, João Batista. *Preparação para um estudo introdutório da literatura latino-americana*. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2018.
- CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2006.
- CHEVRIER, Jacques. *La recherché en Littérature Générale et comparée en France*. Paris: Société Française de Littérature Générale et Comparée, 1983.
- CHEVRIER, Jacques. Postface. « L'encre du scribe est sans mémoire ». *Semen*, Besançon, n. 18, p. 1-7, 2004. Disponible sur: <https://journals.openedition.org/semen/2273>. Consulté le: 30 juil 2022.
- DERIVE, Jean. *L'art du verbe dans l'oralité africaine*. Paris: L'Harmattan, 2012.
- DERIVE, Jean. *Literarização da oralidade, oralização da literatura*. Belo Horizonte: Fale/UFGM, 2015.

ESTEVAM, Mariana. *Literatura e política, de ontem e de hoje: vínculos e fronteiras movediças entre dimensão literária e política*. São Paulo: ILP/Alesp, 2011.

KI-ZERBO, Joseph. *Para quando a África?* Entrevista com René Holenstein. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

N'DAK, Pierre. *Le Conte Africain et L'Éducation*. Paris: Editions L'Harmattan, 1984.

N'GORAN, David K. *Le champ littéraire africain: essai pour une théorie*. Paris: L'Harmattan, 2009.

REIS, Carlos. *O conhecimento da Literatura*. 2. ed. Coimbra: Almedina, 2001.

ROSÁRIO, Lourenço Joaquim da Costa. *A narrativa africana de expressão oral*. Luanda: Angolê, 1989.

ROSÁRIO, Lourenço Joaquim da Costa. *A narrativa africana da expressão oral: transcrita em português*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa; Angolê, 1989.

ROSÁRIO, Lourenço do. Prezados Leitores. In: VALE, Fernando; ROSÁRIO, Lourenço do. *Histórias portuguesas e moçambicanas para crianças*. Lisboa: Editora Piaget, p. 67, 2005.

ROSÁRIO, Lourenço Joaquim da Costa. *Moçambique: histórias, culturas, sociedades e literatura*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

ROSÁRIO, Lourenço Joaquim da Costa. *Contos africanos*. Maputo: Texto Editores, 2017.

PADILHA, Laura Cavalcante. *Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*. Rio de Janeiro: Eduff, 2011.

TRIGO, Salvato. *Ensaio de Literatura Comparada afro-luso-brasileira*. Lisboa: Vega, 1986.

WEISSTEIN, Ulrich. Literatura comparada: definição. In: COUTINHO, Eduardo F.; Carvalhal, Tania Franco (org.). *Literatura comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, p. 308-333, 1994.

Alexander Meireles da Silva

Doutor em Literatura Comparada, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

Professor Associado de Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UFG/RC.

Fundador dos Grupos de Pesquisa: Estudo do Gótico (CNPq) e Nós do Insólito: vertentes da ficção, da teoria e da crítica (CNPq).

E-mail: prof.alexms@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8325920517508979>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-2742-2209>

Helenice Christina Lima Silva

Doutoranda em Letras do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás, regional Catalão/UFCAT em transição.

Mestre em Letras do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, pela Universidade Federal de Uberlândia, 2015.

Participante dos grupos de pesquisa: Estudos do Gótico (CNPq) e Nós do Insólito: vertentes da Ficção, da Teoria e da Crítica (CNPq).

E-mail: nitelima80@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3083508591263841>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-9015-1130>